

# Formação empreendedora: uma análise nos cursos de secretariado executivo

Patricia Soares de Moura\* Ivanete Daga Cielo\*\* Carla Maria Schmidt\*\*\*

## Resumo

O empreendedorismo tem se tornado pauta na discussão de governantes, entidades de classe, instituições de ensino superior e demais segmentos da sociedade organizada. Um dos aspectos discutidos é a necessidade latente de fomentar a atitude empreendedora nos indivíduos visando o desenvolvimento de sujeitos reflexivos, capazes de gerar novas ideias e soluções. Assim, o presente trabalho teve como objetivo mapear o ensino do empreendedorismo nos cursos de Secretariado Executivo por meio da identificação de disciplinas de empreendedorismo nas grades curriculares. Objetivou-se também identificar a nomenclatura utilizada pelos cursos para a referida disciplina, bem como, analisar se as disciplinas de empreendedorismo abordam os temas considerados fundamentais por Dornelas (2001). Para tanto, pesquisou-se as IES do país que ofertam o curso de Secretariado Executivo e que participaram do ENADE no ano de 2009. Pode-se concluir que embora as diretrizes curriculares para os cursos de Secretariado Executivo assinalem para um profissional com perfil empreendedor, poucas IES possuem o empreendedorismo no seu currículo, o que aponta para uma reflexão acerca do profissional que está sendo formado, considerando as expectativas do mercado de trabalho atual.

*Palavras-chave:* Secretariado executivo. Ensino de empreendedorismo. Grades curriculares.

## Introdução

A partir do século XX, o mundo tem passado por várias transformações, com o surgimento de tecnologias e invenções que revolucionam a vida das pessoas. Pode-se dizer que estas mudanças são decorrentes da inovação, ou de uma nova visão de como utilizar as coisas que já existem.

Mas, “por trás destas inovações existem pessoas, ou equipes com um conjunto de características especiais, visionárias, que questionam, investigam, arriscam, que fazem as coisas acontecerem, enfim, que empreendem” (DORNELAS, 2001, p. 19).

Os empreendedores conseguem, por meio de suas ações, desenvolver o mercado empresarial e econômico. Doblada (1999) diz que o empreendedor é o motor da economia, um grande agente de mudanças.

O empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive. Existem famílias mais empreendedoras do que outras assim como cidades, regiões e países. Desta forma, desfaz-se a ideia de que o empreendedorismo é fruto de

\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo. E-mail: pattymoura\_07@hotmail.com

\*\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo. E-mail: ivacielo@bol.com.br

\*\*\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo. E-mail: c.m.schmidt@bol.com.br

herança genética, sendo possível afirmar que as pessoas podem aprender a ser empreendedoras (DOLABELA, 2006).

Neste sentido, desenvolveu-se um mapeamento sobre a formação empreendedora na área de Secretariado Executivo. Teve-se o intuito de investigar os cursos de Secretariado Executivo do país com enfoque em empreendedorismo, uma vez que as Diretrizes Nacionais para o Curso de Secretariado Executivo defendem que os projetos pedagógicos do curso devem admitir linhas de formação específica voltada ao empreendedorismo. As Diretrizes do Secretariado sugerem que o secretário empreendedor poderá atender melhor as necessidades do mercado.

Dessa forma, o estudo teve como objetivo central mapear o ensino do empreendedorismo nos cursos de Secretariado. Especificamente procurou-se verificar se os cursos de graduação em Secretariado

com enfoque em empreendedorismo abordam os temas considerados fundamentais por Dornelas (2001) e ainda elencar as nomenclaturas utilizadas pelos cursos para a disciplina.

## Referencial teórico

### O ensino de empreendedorismo

Para Dolabela (1999) a necessidade do desenvolvimento do empreendedorismo no Brasil é urgente, pois por meio dele ocorrerá, a abertura do mercado nacional para o mundo globalizado, fazendo com que as empresas nacionais operem em mercado internacional sem preparação prévia e sem tradição na área tecnológica.

O Quadro 1, a seguir, demonstra um resumo do histórico do empreendedorismo nas universidades brasileiras.

Ano	Acontecimento
1981	Criação da disciplina de Novos Negócios para alunos do curso de Especialização em Administração da FGV.
1984	A FGV estende a disciplina para o curso de graduação. A Universidade de São Paulo (USP) introduz a disciplina de Criação de Empresas no curso de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA). O departamento de Ciências da Computação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) cria a disciplina de Ensino de Criação de Empresas.
1985	A FEA/USP implanta a disciplina de Criação de Empreendimentos de Base Tecnológica no programa de pós-graduação em administração.
1992	Apoiada pelo Serviço Nacional de Apoio às Micro e Pequenas empresas (SEBRAE), a FEA oferece o Programa de Formação de Empreendedores, direcionado aos profissionais da comunidade interessados em abrir uma empresa. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) cria a Escola de Novos Empreendedores (ENE), com profunda inserção acadêmica e envolvimento em projetos internos, com outras universidades e órgãos internacionais. Por iniciativa do Departamento de Informática da Universidade Federal de Pernambuco (UFP) é criado o Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (CESAR).
1993	O Programa Softex, do CNPQ, desenvolve uma metodologia de ensino para ser oferecida no curso de graduação em Ciências da Computação da Universidade Federal de Brasília.

1995	Criação do Centro Empresarial de Formação Empreendedora (CEFEL) pela Escola Federal de Engenharia de Itajubá, em Minas Gerais.
1996	Surgimento de projetos universitários de empreendedorismo em todo o país. Destaque para o Instituto Gênesis para a inovação e ação empreendedora da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ).
1997	Em Minas Gerais é criado o Programa Reúne (Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo), com o apoio de um consórcio de instituições formado pelo SEBRAE – Minas, IEL, Fumsoft, Secretaria do Estado de Ciência e Tecnologia e Fundação João Pinheiro.
1998	O IEL e o SEBRAE expandem a filosofia do Reúne para todo o país, lançando o programa Reune-Brasil. Ao mesmo tempo, o número de incubadoras de empresas nas universidades cresceu de 2 para 78, abrigando 614 projetos e gerando 2.765 empregos.
1998	O Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL) cria o Nemp, com o objetivo de agregar valores da cultura empreendedora à sua comunidade acadêmica.
1999	O IEL cria o Prêmio IEL de Interação Universidade Indústria – Programas de Empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior.

Fonte: Adaptado de Inatel (2004).

#### Quadro 1 - Histórico do empreendedorismo nas universidades brasileiras

A existência de indivíduos conhecidos como empreendedores é a condição básica para o surgimento de novos empreendimentos. Sabe-se também, que muitas pessoas criam empresas, mas só os empreendedores as fazem durar e progredir.

Filion (2000) diz que o empreendedorismo é um campo de pesquisa emergente, onde não existe ainda uma teoria estabelecida. Mas ele acrescenta que não se pode ensinar empreendedorismo da mesma forma que se ensina outras disciplinas. O ensino de empreendedorismo precisa valer-se de estratégias que levem os alunos a definir, estruturar contextos e compreender várias etapas de sua evolução. A educação empreendedora deve ajudar os alunos no seu desenvolvimento, devendo ainda, ser pró-ativa, e utilizar-se de métodos de ensino diversificados, incluindo um acompanhamento pessoal dos objetivos de aprendizagem,

individualizado e personalizado a cada participante (FILION, 2000).

Mais tarde, Ferreira e Mattos (2003) falam que as práticas de ensino que incentivam o empreendedorismo são aquelas que simulam uma situação de empreendimento e que são atividades práticas, interativas e construtivistas. Para os autores, as metodologias que se limitam a simples transmissão de conhecimento, tendem a inibir o potencial de autodesenvolvimento e criatividade dos alunos.

Ainda segundo Ferreira e Mattos (2003), o empreendedorismo não é uma técnica, mas uma experiência de vida. A formação de uma pessoa empreendedora é o resultado de ações econômico-culturais e da escola. Neste sentido, eles sugerem um esforço conjunto entre cursos de graduação e incubadoras de empresas, com o objetivo de estimular novos empreendimentos.

Filion (1999) aponta a responsabilidade do professor no processo de ensino-aprendizagem. Ele diz que o trabalho do professor de empreendedorismo requer um comprometimento e empenho que ultrapassam o papel tradicional do professor. Este deve utilizar estruturas que

facilitarão o processo de implantação de uma sociedade na qual será possível a eclosão do potencial empreendedor brasileiro. O Quadro 2 faz um comparativo entre o ensino tradicional e o aprendizado de empreendedorismo.

Convencional	Empreendedor
<p>Ênfase no conteúdo, que é visto como meta. Conduzido e dominado pelo instrutor. O instrutor repassa o conhecimento.</p> <p>Aquisição de informações “corretas”, de uma vez por todas. Currículos e sessões fortemente programados. Objetivos do ensino impostos. Prioridade para o desempenho.</p> <p>Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergentes. Ênfase no pensamento analítico e linear parte esquerda do cérebro.</p> <p>Conhecimento teórico e abstrato.</p> <p>Resistência à influência da comunidade. Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar. Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel. Erros não aceitos O conhecimento é o elo entre aluno e professor.</p>	<p>Ênfase no processo; aprender a aprender. Apropriação do aprendizado pelo participante. O instrutor como facilitador e educador; participantes geram conhecimento. O que se sabe pode mudar.</p> <p>Sessões flexíveis e voltadas a necessidades. Objetivos do aprendizado negociados. Prioridade para a auto-imagem geradora do desempenho.</p> <p>Conjecturas e pensamento divergentes vistos como parte do processo criativo. Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade do cérebro esquerdo através de estratégias holísticas, não-lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos. Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela.</p> <p>Encorajamento à influência da comunidade. Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação. Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola. Erros como fonte de conhecimento. Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância.</p>

Fonte: Dolabela (1999).

Quadro 2 - Ensino tradicional e aprendizado de empreendedorismo

Segundo Dornelas (2001) existem vários programas de empreendedorismo sendo trabalhados em universidades e escolas técnicas, sendo que qualquer curso deveria abordar os seguintes aspectos:

- a) a identificação e entendimento das habilidades do empreendedor;
- b) a forma como ocorre a inovação e o processo empreendedor;

- c) a relevância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico;
- d) como preparar e utilizar um plano de negócios;
- e) como identificar fontes e obter financiamentos para o novo empreendimento;
- f) como gerenciar e fazer a empresa crescer.

Em relação às técnicas pedagógicas, pode-se dizer que as mais apropriadas são as do tipo ativo-aplicadas, sendo estas, jogos de papéis, simulações, exercícios estruturados, projetos de campo e as atividades ativo-teóricas, como trabalho em equipe, discussões, experimentos e pesquisas, leituras indicadas, análise de artigos (ULRICH; COLE, 1987).

Rushing (1990) identifica uma falha no processo de ensino do empreendedorismo, quando diz que as universidades possuem como característica bastante difundida a cultura de grandes organizações e se esquecem por muitas vezes de dar ênfase aos pequenos empreendimentos, já que são estes os grandes responsáveis pela economia moderna.

Ainda conforme aponta o relatório do Global Entrepreneurship Monitor - GEM (2009, p. 94):

As universidades e escolas precisam rever seus currículos para “contaminar” seus projetos pedagógicos, mesclando formação técnica com desenvolvimento de habilidades empreendedoras, com uso da metodologia de solução de problemas. As instituições de ensino não podem se limitar a oferecer cadeiras eletivas de empreendedorismo, o tema deve ser tratado como um conteúdo transversal a todas as disciplinas.

Dessa maneira, as escolas e universidades não devem se limitar ao estudo do empreendedorismo como apenas uma disciplina, mas incluir a educação empreendedora em todas as disciplinas e em todos os níveis da educação, a fim de desenvolver nos alunos características para torná-los aptos a planejar suas ações com autonomia e autoconfiança, assumindo riscos com mais chances de sucesso, permanecendo firmes diante das dificuldades.

O Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL, 2004) divulga as dez razões que justificam o estudo do empreendedorismo. São elas:

- a) a alta taxa de mortalidade: de cada três empresas emergentes, duas fecham as portas. As pequenas empresas são as que mais fracassam, somando 99% do total de empresas que vão à falência;
- b) as relações de trabalho estão mudando. O emprego dá lugar a novas formas de participação. As empresas necessitam de profissionais visionários. O ensino tradicional de formar empregados nos níveis universitário e profissionalizante, não é mais compatível com a organização da economia mundial;
- c) exige-se um alto grau de empreendedorismo, mesmo para quem será empregado. As empresas precisam de colaboradores que além de possuir domínio de tecnologia, conheçam bem o negócio, saibam atender as necessidades do cliente, possam identificar

- oportunidades, além de buscar e gerenciar os recursos para viabilizá-las;
- d) a metodologia de ensino tradicional não é adequada para formar empreendedores;
  - e) as instituições de ensino ainda estão distanciadas dos “sistemas de suporte”, que são as empresas, órgãos governamentais, financiadores, entidades de classe;
  - f) cultura: os valores do ensino não sinalizam para o empreendedorismo;
  - g) ainda há uma percepção insuficiente da importância da PME (Pequena e Média Empresa) para o desenvolvimento econômico;
  - h) no ensino profissionalizante e universitário predomina a cultura da “grande empresa”. Não é hábito se falar em pequena empresa;
  - i) ética: no ensino do empreendedorismo deve haver uma preocupação atrelada aos aspectos éticos que envolvem esta atividade. Por sua grande influência na sociedade, é fundamental que os empreendedores sejam guiados por princípios e valores nobres;
  - j) cidadania: o empreendedor deve ser alguém com alto comprometimento com o meio ambiente e com a comunidade, deve ter forte consciência social. E a sala de aula é um excelente lugar para o debate desses termos.

## Importância do ensino de empreendedorismo para a graduação

A realidade vivenciada atualmente pode ser considerada a era do empreendedorismo, uma vez que os empreendedores estão eliminando barreiras comerciais e culturais, encurtando distâncias, globalizando e renovando os conceitos econômicos, criando novas relações de trabalho e novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riqueza para a sociedade (DORNELAS, 2001).

Esta ideia que remete à importância do tema, é reforçada por Dolabela (1999) quando diz que o empreendedorismo conduz ao desenvolvimento econômico, gera e distribui riquezas e benefícios para a sociedade. Por estar constantemente diante do novo, o empreendedor evolui através de um processo interativo de tentativa e erro; avança em virtude das descobertas que faz, como novas oportunidades, novas formas de comercialização, vendas, tecnologias e gestão.

Rushing (1990) ressalta que a importância do estudo do empreendedorismo dá-se em função de sua contribuição à sociedade, além de estimular a inovação e o crescimento econômico.

Em função da importância econômica e social que o empreendedorismo exerce, surgiu a necessidade de se ensinar os alunos de graduação a se tornarem empreendedores. Muitos autores fazem questionamentos sobre a possibilidade de se ensinar empreendedorismo. Segundo Dornelas (2001) anos atrás, acreditava-se que só seria empreendedora a pessoa que nascia com o perfil

empreendedor. Os demais indivíduos seriam predestinados ao insucesso no mundo dos negócios.

Porém, este pensamento mudou. Atualmente, acredita-se que o empreendedorismo possa ser ensinado a qualquer pessoa, desde que sejam utilizados metodologias, conteúdos e estratégias de ensino, adequados ao processo de aprendizagem de empreendedorismo.

Dolabela (1999) diz que a ideia de que o empreendedor é unicamente fruto de hereditariedade vem perdendo espaço e que hoje se entende que é possível aprender a ser empreendedor, mediante técnicas de ensino não tradicionalistas.

É nesse sentido que entra o papel das universidades, pois são elas que atuam como responsáveis pela propagação do conhecimento e possibilitam a formação e o aprimoramento do profissional. O ensino de empreendedorismo visa o aprimoramento do empreendedor em si, visando a formação de empreendedores bem-sucedidos e não, exclusivamente, de empreendimentos de sucesso.

Várias universidades e escolas técnicas estão oferecendo o curso ou a disciplina de empreendedorismo em suas grades curriculares. Para Dolabela (1999), a introdução de disciplinas de empreendedorismo em cursos do ensino superior é de grande importância, sobretudo por adequar-se aos novos formatos das relações de trabalho surgidas no final do século passado.

Ainda segundo Dolabela (2006) a tradição do ensino brasileiro, que é formar empregados nos níveis tanto profissionalizantes quanto universitários não é mais ideal para as novas empresas da

atualidade. Portanto, o que as organizações precisam hoje são funcionários que tenham uma visão geral dos processos, saibam atender as necessidades dos clientes, sejam inovadores e criativos dentro do seu próprio ambiente de trabalho. Ou seja, o modelo de funcionário que apenas realiza tarefas impostas sem nenhum diferencial não é o adequado a realidade empresarial atual.

Segundo Marcarini; Silveira; Hoeltgebaum (2003), nos Estados Unidos não existia praticamente, nenhuma universidade que não apresentava em sua grade curricular, um curso de empreendedorismo. Este fenômeno se explica, principalmente, pela necessidade das pessoas se prepararem melhor antes de se lançarem no mercado por iniciativa própria.

Percebe-se que no Brasil, os processos de ensino de empreendedorismo, nas universidades vêm crescendo, uma vez que estas estão inserindo, em suas matrizes curriculares, a disciplina de empreendedorismo, procurando assim, estimular a criação de novos empreendimentos ou negócios. E essa capacitação profissional, através do ensino de empreendedorismo é que forma uma economia competitiva em níveis globais.

O movimento do empreendedorismo no Brasil surgiu no início da década de 80, nos cursos de Administração de Empresas. A primeira experiência foi a do professor Ronald Degen, em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Degen criou a disciplina de Novos Negócios, dentro do curso de Especialização em Administração. Para Degen (1989)

o empreendedor é o responsável pela criação de novos produtos e mercados, que apresentam vantagens, como maior eficiência e menor custo.

Para Marcarini; Silveira; Hoeltgebaum (2003) quanto maior for a exposição do estudante à experiência empreendedora e às pequenas empresas, maior será o referencial, com o qual ele buscará se identificar e mais significativo será o seu potencial empreendedor.

## Procedimentos metodológicos

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, do tipo documental, uma vez que tem como finalidade reunir informações sobre as instituições de ensino superior do país que oferecem a disciplina de empreendedorismo, por meio de análise de documentos. De acordo com Oliveira (2007), a pesquisa documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico.

Optou-se por estudar as 99 IES do país, entre os meses de maio e junho de 2011, que ofertam o curso de Secretariado Executivo (SE) e que participaram do ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) do ano de 2009, a fim de investigar a existência da disciplina de empreendedorismo na integração curricular dos referidos cursos.

Através de busca em endereços eletrônicos, identificou-se inicialmente as IES que disponibilizam a disciplina de empreendedorismo em sua integra-

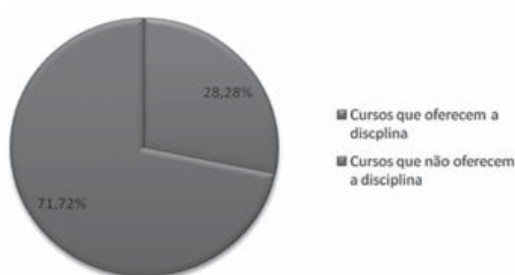
ção curricular, e posteriormente, fez-se contato com as IES no intuito de avaliar o conteúdo dos ementários. Desta forma, verificou-se que das 99 IES que ofertam o curso de SE no país, 28 disponibilizam a referida disciplina. Porém, cabe mencionar, que nem todas foram possíveis de investigação, uma vez que não disponibilizaram a ementa em meio eletrônico e tampouco responderam via e-mail a pesquisa. Desta forma, obteve-se o ementário de 6 disciplinas, as quais tornaram-se objeto de análise deste estudo. Assim, entende-se que a amostra pode representar um fator de limitação na construção desta pesquisa.

Por meio deste estudo, pretendeu-se analisar se os conteúdos considerados importantes por um dos principais teóricos brasileiros sobre empreendedorismo - Dornelas (2001) – estão sendo abordados nos cursos de Secretariado Executivo.

## Resultados e discussão

Esta pesquisa busca avaliar os cursos de Secretariado Executivo do país, no que tange ao enfoque de empreendedorismo. Das 99 IES pesquisadas, 28,28% oferecem a disciplina de empreendedorismo na integração curricular, geralmente a partir do 4<sup>o</sup> semestre, conforme aponta o Gráfico 1.





Fonte: Dados da pesquisa.

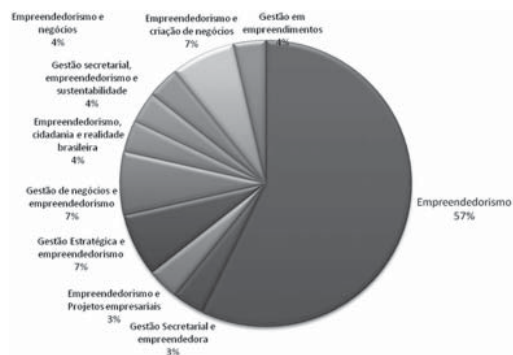
Gráfico 1 - Oferta da disciplina de empreendedorismo nos cursos de Secretariado Executivo

Apesar das Diretrizes Curriculares Nacionais instigarem que o profissional tenha uma formação empreendedora, enquadrando-se ao mercado atual, a maior parte dos cursos de Secretariado Executivo do país não oferece a disciplina em sua integração curricular.

A inclusão do empreendedorismo no currículo dos cursos possibilita ao acadêmico de Secretariado Executivo vislumbrar mais uma área de atuação, além disso, o empreendedorismo permite uma formação voltada a proatividade, dedicação, iniciativa, capacidade de assumir riscos e alcançar metas, ou seja, o perfil que o mercado de trabalho altamente competitivo exige atualmente de seus profissionais.

Em relação à nomenclatura das Instituições de Ensino Superior (IES) que oferecem a disciplina, 57% das IES pesquisadas nomeiam a disciplina como empreendedorismo. No entanto, há uma variedade de outras nomenclaturas. Conforme mostra o Gráfico 2, identificou-se nomenclaturas como Gestão Secretarial e empreendedora; Empre-

endedorismo e Projetos empresariais; Gestão estratégica e empreendedorismo; Gestão de negócios e empreendedorismo; Empreendedorismo, cidadania e realidade brasileira; Gestão secretarial, empreendedorismo e sustentabilidade; Empreendedorismo e negócios; empreendedorismo e criação de negócios e Gestão em empreendimentos.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 2 - Nomenclatura das disciplinas

Percebe-se ainda em relação às nomenclaturas que muitas IES agrupam a disciplina de empreendedorismo com outras disciplinas ligadas a gestão de negócios. Nesse sentido, percebe-se que a disciplina não é trabalhada de maneira ampla, além disso, dependendo da carga horária oferecida, as ementas não conseguem contemplar os conteúdos necessários para que o acadêmico tenha um aprendizado sobre todos os aspectos relacionados ao empreendedorismo.

Optou-se também por verificar se os conteúdos apresentados nas disciplinas com enfoque empreendedor, nos cursos de Secretariado, estão de acordo com os conteúdos considerados importantes por Dornelas (2001).

Analisando-se as disciplinas das IES que disponibilizaram a ementa, identificou-se os conteúdos estudados nas mesmas. As IES analisadas foram: Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Uniuv – Centro Universitário de

União da Vitória; Centro Universitário de Patos de Minas, Faculdade Estácio de Sá, Universidade Federal do Amapá e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do MT. O Quadro 3 apresenta os resultados encontrados.

Conteúdos importantes para Dornelas (2001)	Disciplina: Empreendedorismo (Instituto Federal de Educação, Ciência, Tecnologia do MT)	Disciplina: Empreendedorismo (Unioeste)	Disciplina:	Disciplina: Empreendedorismo (Patos de Minas)	Disciplina: Gestão de Negócios e empreendedorismo (Fundação Universidade Federal do Amapá)	Disciplina: Empreendedorismo e Negócios (Faculdade Estácio de Sá)
Identificação e entendimento das habilidades do empreendedor	X	X	X	X	X	X
Como ocorre a inovação e o processo empreendedor		X				
Importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico		X				
Como preparar e utilizar um plano de negócios	X	X			X	
Identificar financiamentos para o negócio						X
Gerenciar e fazer a empresa crescer		X				

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 3 - Conteúdos apresentados nas disciplinas de empreendedorismo

Ao analisar os conteúdos das disciplinas, percebe-se que alguns assuntos já estão sendo estudados em todas as IES, porém ainda existem temas, que precisam ser mais abordados, conforme pode se observar:

- a) identificação e entendimento das habilidades do empreendedor: este tema já é considerado essencial em todas as IES estudadas, uma vez que consta no plano de

ensino das disciplinas, totalizando 100%;

- b) como ocorre a inovação e o processo empreendedor: este é visto em 1 disciplina, sendo, portanto, estudado em 16,66%;
- c) importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico: verificou-se que também é apresentado em somente uma disciplina, ou seja, em 16,66%.

- Este tema merece ser destacado de forma mais intensa pelos professores das disciplinas de empreendedorismo, já que trata da relevância do empreendedorismo para o desenvolvimento local e regional, podendo assim, despertar interesse nos alunos;
- d) como preparar e utilizar um plano de negócios: este tema é visto em três disciplinas, totalizando 50% das ementas estudadas; o que é muito importante, pois no momento da abertura de um negócio próprio, os alunos precisam ter conhecimento a respeito da elaboração de um plano de negócios.
  - e) identificar financiamentos para o negócio: percebe-se uma grande lacuna neste item, pois, este conteúdo é apresentado em somente uma disciplina, ou seja, 16,66%. Além disso, vale ressaltar que é muito importante que um empreendedor inicial saiba buscar fontes de financiamento para seu empreendimento.
  - f) gerenciar e fazer a empresa crescer: este último item é objeto de estudo em 16,66% dos cursos, ou seja, aparece como conteúdo programático em apenas 1 plano de ensino das disciplinas em estudo. Este assunto também possui uma grande relevância, pois não basta que o aluno saiba criar um empreendimento, se não souber administrá-lo, de forma que seja competitivo no mercado de trabalho.

Dessa forma pode-se verificar que as IES concentram o estudo da disciplina em aspectos que dizem respeito ao perfil empreendedor, suas características e habilidades, existindo uma lacuna em aspectos como a inovação e a importância do empreendedorismo no desenvolvimento econômico. Apenas 1 das IES pesquisadas oferece a disciplina de empreendedorismo, compreendendo 5 dos 6 conteúdos considerados importantes para Dornelas (2001).

Dessa maneira, percebe-se a importância das IES olharem com mais atenção para a educação empreendedora, explorando o estudo do empreendedorismo nos cursos de Secretariado Executivo, visto que características empreendedoras podem ser estimuladas e ensinadas. Tal iniciativa fomenta a formação de profissionais empreendedores com capacidade para atuar de forma dinâmica no mercado de trabalho atual.

## Considerações finais

O indivíduo que possui um perfil empreendedor nato tem maiores chances de obter sucesso no momento da abertura e no desenvolvimento de seu próprio negócio, ou até mesmo dentro de alguma organização, na qual já esteja atuando. Porém, apesar de um indivíduo não possuir as características comportamentais ideais de um empreendedor, estas podem ser adquiridas, desenvolvidas e aperfeiçoadas no decorrer da vida, através da prática do ensino de empreendedorismo.

Neste contexto, as instituições de ensino superior e os cursos de Secretariado Executivo possuem um papel

fundamental. O que os profissionais das IES precisam ter em mente, é que empreendedorismo não é uma disciplina comum, necessitando, portanto, chamar a atenção do aluno, uma vez que este, em muitos casos, nunca havia pensado antes em abrir seu próprio negócio. Sendo assim, durante as aulas de empreendedorismo, devem ser utilizadas metodologias ativas, construtivistas, onde o professor possui um papel fundamental de acompanhar cada participante individualmente em seus objetivos de aprendizagem e constantemente apontar os possíveis caminhos para a realização desses objetivos.

Considera-se que em muitos casos, os cursos não formem empreendedores devido à falhas que ocorrem durante o processo de ensino de empreendedorismo. Pode-se apontar como a maior delas, a inexistência de um livro ou material didático. Cada universidade, escola, enfim cada professor leciona esta matéria da maneira que ele considera mais adequada, faltando um material que sirva de base ou suporte para este curso.

Ao se analisar as IES concluiu-se que embora as diretrizes curriculares sugiram a disciplina de empreendedorismo, poucas IES possuem o empreendedorismo no seu currículo, o que aponta para uma reflexão acerca do perfil profissional que está sendo formado, considerando as expectativas do mercado de trabalho atual.

A pesquisa também elencou diversas nomenclaturas para o ensino do empreendedorismo, bem como vários agrupamentos com outras disciplinas o que pode apontar para a ausência de

um estudo amplo no que diz respeito ao empreendedorismo.

Além disso, ao se comparar as ementas das disciplinas, verificou-se que nem todas apresentam os assuntos considerados de extrema importância, para Dornelas (2001), no que tange ao desenvolvimento do perfil empreendedor nos alunos de graduação.

Os empreendedores são os grandes responsáveis pelo desenvolvimento local e regional. Sendo assim, é fundamental que as universidades se preocupem em formar e desenvolver cada vez mais, características empreendedoras nos alunos de graduação, para que seja garantida a geração de novos empreendimentos de sucesso, condição básica para o desenvolvimento econômico.

## Entrepreneurial education: an analysis in the Executive Secretary Courses

### Abstract

Entrepreneurship has become the discussion agenda of governments, associations, institutions of higher education and other segments of organized society. One aspect discussed is the need to foster the latent entrepreneurial attitude in individuals seeking to develop reflective subject, capable of generating new ideas and solutions. Thus, this study aimed to map the teaching of entrepreneurship in the courses of Executive Secretariat through the identification of subjects of entrepreneurship in the curriculum integration. Besides, this study aimed to identify the nomenclature used by courses and also to analyze if the disciplines of entrepreneurship address the issues considered fundamental by Dornelas (2001). Thus, were investigated the courses of Exe-

cutive Secretary who participated in the Enade in 2009. It can be concluded that although the curriculum guidelines point to a professional with an entrepreneurial profile, few courses have entrepreneurship in their curriculum, which points to a reflection on the professional that is being formed.

*Key words:* Secretariat. Teaching of entrepreneurship. Emergence of entrepreneurs.

## Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Secretariado Executivo. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces003\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces003_05.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2011.
- DEGEN, Ronald. *O empreendedor: fundamentos de iniciativa empresarial*. São Paulo: McGraw Hill, 1989.
- DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. São Paulo: Cultura Editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O segredo de Luisa*. 2. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.
- DORNELAS, J.C. A. *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- FERREIRA, P.G.G.; MATTOS, P. L. C. L. *Empreendedorismo e práticas nos cursos de graduação em administração: os estudantes levantam o problema*. In: ANPAD, 26, 2003, Rio de Janeiro, 2003.
- FILION, Louis Jacques. *O empreendedorismo como tema de estudos superiores*. In: IEL NACIONAL, Brasília, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerente de pequenos negócios*. Revista de Administração da USP, v. 34, n. 2, p. 34, 1999.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR- GEM. *Empreendedorismo no Brasil -2008: relatório nacional*. Curitiba: IBQP, 2009.
- INATEL. *Histórico do empreendedorismo nas universidades brasileiras*. Disponível em: <http://www.inatel.br/nova2/nemp/brevehist.asp>. Acesso em: 07 nov. 2004.
- INEP. Resultados Enade 2009. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/planilhas-enade>>. Acesso em: 23 maio 2011.
- MARCARINI, Adenir; SILVEIRA, Amélia; HOELTGEBAUM, Marianne. O desenvolvimento do empreendedor nas universidades como instrumento de geração de novos negócios. In: THIRD INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE IBEROAMERICAN ACADEMY OF MANAGEMENT, 2003, São Paulo. International Conference of the Iberoamerican Academy of Management, 2003. v. 1. p. 1-28.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- RUSHING, Francis W. Entrepreneurship and education. In: KENT, Calvin A. *Entrepreneurship education: current developments*. New York: Quorum Books, 1990. p. 41. Disponível em: <http://www.questia.com>. Acesso em: 7 nov. 2004.
- ULRICH, Thomas A.; COLE, George S. *Toward more effective training of future entrepreneurs*. Journal of Small Business Managements, v. 25, n. 4, p. 32-9, 1987.